

“CAMINHO DE PEDRAS” - “EXPERIÊNCIAS”

O Dia – 27 de fevereiro de 1937.

A sra. Rachel de Queiroz, em começo do seu novo livro, faz uma advertência desnecessária. Nunca julguei indispensável que uma reentrada, como essa da sra. Rachel de Queiroz, exigisse explicação do tempo em que viveu afastada da vida intelectual. Esses quatro anos que medeiam entre “João Miguel” e “Caminho de Pedras”, para quem, como a sra. Queiroz, estreou na vida das letras sem atingir a maioridade legal, supõe maturidade, essa maturidade que conseguiu o sr. Jorge Amado em “Mar Morto”, o sr. Lins do Rego em “Usina” e que ainda não conseguiram os srs. Lúcio Cardoso e José Américo de Almeida, este último apesar de já encontrar-se em idade um tanto avançada. Em “No País do Carnaval”, passando por “Jubiabá” até “Mar Morto”, há uma evolução lenta formidável. De “Bagaceira” a “Boqueirão” e “Coiteiros”, pelo contrário, não há avanço de notar.

Com o sr. Lúcio Cardoso também acontece o mesmo. Apesar de notável talento, esse jovem romancista, em “A Luz no Subsolo”, em nada melhorou. É um verdadeiro trabalho de fôlego, digno de um escritor europeu-salvo, alucinante, mas sem os característicos firmes dos espíritos afeitos aos grandes arroubos, as grandes lutas interiores, aos magníficos conflitos íntimos que tanto celebrizaram um Turguenev ou um Flaubert.

Nunca, até hoje, escrevi coisa alguma sobre a sra. Rachel de Queiroz ou a sua obra. Não que as primeiras produções tenham sido desinteressantes ou não tenham apertado a minha curiosidade. Pelo contrário, li página por página de “Quinze” ou “João Miguel”, detive-me na análise atenta desses dois romances, e, falando com a máxima franqueza, neles nada notei que caracterizasse a personalidade de uma grande romancista. “Quinze” como estréia é admirável, principalmente porque se tratava de uma obra de uma jovem quase criança. “João Miguel”, já pela descrição do ambiente, já pelas fortes cenas tocantes que habitam as suas páginas, tocou-me mais no fundo. Esse “Caminho de Pedras”, há pouco saído, com aquela advertência tão pouco útil das primeiras páginas, é para mim o romance característico da sra. Rachel de Queiroz. Nele nada vemos ainda de definitivo. As convicções políticas da autora, se é que ela as possui, em “Caminho de Pedras” ainda estão por demais imprecisas, incolores, sem expressão nem sentido de fim. Aquelas vidas, porém, sem finalidade, aqueles seres múltiplos em destino, navegantes da incerteza e escravos do instinto desassombrado de rebeldia, comovem e impressionam pela vontade indomável de reivindicação revolucionária. O burguês João Jacques é o personagem mais frisante. Experimentado na vida, ganhou uma capacidade invulgar de compreensão e uma força de resistência contra os pequeninos acontecimentos cotidianos. Noemia, é vulgar e irreverente para consigo própria quando abandona João Jacques para viver em companhia do inexplicável Roberto, personagem agônico cujos sentimentos amorosos para com Noemia nasceram sem uma explicação, nem instintiva nem intelectual. Roberto não se sabe para que veio ao mundo. Como personagem principal, está bem aquém daquele que soube renunciar o João Jacques e muito aquém do Gury. Este último é que é o ponto central de todo o romance.

A sra. Rachel de Queiroz pode estar certa de que escreveu um belo romance. Se houvesse ainda alguma dúvida sobre o talento de romancista da sra. Rachel de Queiroz, este “Caminho de Pedras” a dissiparia.

“Experiência” do sr. Martinho Nobre de Mello, é um choque. Escrito quase jornalisticamente, intensamente volumoso e cheio de peripécias sentimentais, nele habita um brilhante espírito cósmico, não sei bem se um romancista de verdade. Gostei e admirei “Experiência”, não porém como romance. Em parte, é ele um tanto parecido com aquele “Território Humano” do sr. José Geraldo Vieira. Na certa, há um pouco de espírito luso orientando esses homens de letras. Digo um pouco para não taxar o sr. Geraldo Vieira, escritor português, ainda mesmo que ele se acha quase tão afastado do Brasil como esse sr. embaixador Martinho Nobre de Mello. A Livia de “Experiência” tem muito daquela amorosa Adri de “Território Humano”. As cenas passadas em Constantinopla, aquele hotel internacional tão do gosto de turistas que nós vemos freqüentemente no Rio de Janeiro, aqueles Cabarés de meias luzes, onde se revezam o luxo e a miséria, o luxo de um império extinto e a miséria de um mundo que começa com os estertores de outro, tornam o romance do sr. Martinho Nobre de uma sugestividade de imagem única. Eu não ousaria dizer que esse “Experiência” é uma autobiografia”. No século XX, não é possível imaginar vidas tão despreocupadas como tão acidentadas em matéria sentimental. O que mais caracteriza o romance do sr. Nobre de Mello é a semi-inutilidade da vida dos personagens principais. Todos vivem em fraca luz, numa espécie de crepúsculo modorrento. Paixões inexplicáveis, sentimentos absurdos, ódios contemporizados pela formalística protocolar, mediocrizam o livro do escritor português. Sem dizer que “Experiência” é um grande romance: atrai e sugere, prende pelas suas peripécias emocionais, é quase um notável diário de viagens, evocativo de paisagens diferentes, de panoramas que se transmudam em novas cores e novas luzes. Escreveu o sr. Martinho um livro inteligente, íntimo, dizendo muita coisa de personagens desconhecidos de um mundo para nós quase estranho.